

## **Antologias**

Quando uma após a outra  
Estacas que seguram firmemente  
Os navios do porto felicidade  
Começam rebentar-se  
Os navios misteriosamente  
Vão se afastando mar a fora  
A gente se pergunta  
Por que eu? O que fiz...  
Em um tom de ingenuidade  
Mas as perguntas  
Não estão em nenhum lugar  
Em nenhuma cabeça  
Em nenhuma placa de sinalização  
A gente tem que buscar  
Lá no fundo de uma agulha  
Mas como tudo é continuação  
Tateia-se para achar  
Um novo e misterioso caminho...

*1988 - 1ª Antologia Caxiense de Poetas*

ù

Eu levantei o dedo primeiro!  
Portanto, um momento para mim...  
Que momento, não há mais momento  
Somos todos mecânicos, comandados  
Por um forte esquema eletrônico!  
Hora... o que importa agora  
Se não somos mais pensantes...  
As flores foram pisoteadas  
Pelos soldados de aço e plástico  
O verde já amarelou de vergonha  
De tanto esperar a chegada...  
O canto emudeceu por entre os edifícios  
E coqueiros acinzentados  
E repousa na completa solidão  
Dos ouvintes que nunca ouviram  
Os velhos continuam sentados  
Na sala de espera vazia, lotada  
À espera da vida negada...  
Os meninos correm pelas calçadas  
Levando junto a minha carteira  
Que foi minha apenas por quê?  
Um dia, eu e você negamos a um deles

A lavadeira desmemorizada no tempo  
Abre o tanque e deixa escorrer  
Seu futuro sonhando, resto de passado  
Presente em seus olhos marejados...  
Um momento para mim...  
Deixa-me anotar o que falei  
Posso esquecer, pois isto é passado  
Amanhã vai ser diferente, eu sei que vai...

*1987 – Cascata de Versos, Petrópolis-RJ*

ù

Vai meu pensamento vai  
E pousa anos atrás  
Quero recordar  
A casa onde eu morava  
As figueiras e o bamburral  
A terra vermelha de horta  
As hortênsias quase mortas  
Extinção que me faz tanto mal  
A cozinha de chão  
A sala sem sofá  
Dois quadros na parede  
Um quarto sem cama e sem rede  
Que saudade me dá  
Meu pai no bar da esquina  
As calças curtas do meu irmão  
Minha mãe na sanga com a roupa  
Água limpa, mas tão pouca...  
E a panela de ferra no fogão  
Avenida e a vila nova  
A vizinha com as crianças  
A rua que encostava com o céu  
A noite cobria um preto véu  
E do ontem, só restaram lembranças.

*1996 – Coletânea dos Encontros de Gerações em prosa e verso, Pinheiro Machado-RS*

ù

Foi preciso sim  
A fuga para conhecer  
Outros caminhos...  
E para perceber  
A imensidão  
Que estava perto de mim...

O cedro da praça  
Que tantas vezes  
À sombra brinquei...  
À espera de matinê  
A avenida arborizada  
A vila nova tão velha  
A casa onde eu morava  
As figueiras amareladas  
Que sem nada reclamar  
Emprestavam-me seus galhos  
Para pendurar meu balanço  
Que mais tarde o tempo parou...  
O figo, fruto delicioso  
Que minha boca adoçou  
A sombra da caneleira  
A minha rua empoeirada  
A minha escola  
A minha primeira professora  
Meus primeiros be-a-bás  
A minha própria raiz  
A minha cidade pequenina...  
E o berço que aconchegou-me  
Na minha chegada...

*1996 – Coletânea dos Encontros de Gerações em prosa e verso, Pinheiro Machado-RS*

ù

Rasguei meus versos tristes  
Que falavam de paz na humanidade  
E comecei a escrever tudo de novo  
Conciliei-me com a esperança  
Mas devagarinho, o cansaço  
Foi invadindo a alma  
Forçando esta conturbada aspiração  
De versos com frases inconsoláveis  
Caminhei na noite, buscando o tempo  
Escorreguei na laje áspera  
Ralei meus incontestáveis brios  
Fiquei com a minha metade  
Desnuda para o mundo  
Senti vergonha dos acontecimentos  
Justifiquei com minha camisa rasgada  
Corri e cobri meu corpo  
Com vestes pretas e queimadas  
Sobras do inconfundível amanhã

E confessei meus pecados  
Para mim mesmo  
Pois tive medo de sugerir mais idéias  
Aos buliçosos pecadores...  
*1989 – Poetas Brasileiros Reunidos, Giruá-RS*

ù

Vieram de outras terras  
Trazendo no bolso sementes,  
No coração a ilusão  
De uma vida melhor...  
Encontraram a mata virgem  
Lutaram pela sobrevivência  
Araram a terra com mão de aço  
Entoando velhas canções  
Acompanhados pela melodia  
Dos gorjeios...  
Em homenagem ao Deus Baco  
Plantaram videiras  
Calejando mãos e almas...  
Colheram finas castas  
E transformaram em vinho e vida  
De buquê mais nobre para esta terra...  
Na história, foram sagas de lutas  
Que, sem glórias, repousam  
Nos vales de cima da serra...

ù

A poesia é o meu caminho  
De flores ou espinhos  
É fogo por dentro  
Já dito por outro...  
É todo o meu princípio  
É o que trago sustentada  
Pelas mãos trêmulas  
Muitas vezes arreada  
Do mastro invisível  
Pra dar passagem ao hasteamento  
De sustentações errôneas...  
Mas enfim é o que tenho  
De mais sublime para iluminar  
As casas frias e pobres  
As igrejas e os palácios  
Para renovar a noite

Depois do intranquilo sono  
Os dias após o trabalho  
Para dar idéia as imaginações  
Mais lindas ou obtusas  
Para questionar a sociedade  
Para revelar o talento  
E o contraste...  
Das fotos preto e branco  
Para iluminar a felicidade  
Dos amantes mais amantes  
Para reacender a luz no canto  
Mais escuro dos homens  
Para tantas coisas possíveis...  
Venha, você também pode segurar  
O facho desta grande luz  
Que ilumina todos os caminhos  
Mas venha...  
Antes do fim do meu tempo...

*1989 – Mundo Encantado da Poesia, Petrópolis-RJ*

ù

Um grito de angústia  
Vasa o silêncio  
De toda a multidão  
Em passos lentos  
Caminham em um único tom  
Azul da cor do medo...  
Mas não sei se o pavor  
Foi pintado por alguém  
As grades pesadas  
Trancam os mistérios  
De cada homem de aço  
Tudo fica tão devagar  
Até meu pensamento  
Esquece de ocupar  
O seu verdadeiro papel  
E eu invento formas  
Para ir levando  
O tempo de arrasto  
Puxados por correntes  
Que ornamentam a tristeza  
Da minha provisória  
E interminável prisão.

*1988 – Os Versos Que Te Dou, Rio de Janeiro*

ù

Exílio é estar calado  
Com tantas coisas pra dizer  
É ouvir o que os ouvidos não querem  
Sentir o que o coração rejeita  
É apertar a mão por interesse  
É olhar nos olhos das pessoas  
Que se escondem por trás de sua falsidade  
É ferir a integridade passiva  
É ter que descer para acompanhar  
É ter que falar e respeitar cousas pobres e vazias  
É não aprender mais nada  
É ter que admitir a inferioridade  
Pra satisfazer o ego dos demais  
É ter que ouvir todos os anseios  
Sem poder expressar a vontade  
É o desejo de realizações  
É pedir clemência na aceitação  
Das poucas cousas que muitos  
Colocariam num pedestal  
É ser um serviçal ignorado sem ser servido  
É ter que ocultar o estado político  
Como se política fosse uma arma exterminadora  
É ouvir sempre não como se o “não” fosse  
A única coisa que se pode dizer  
Como se fosse o máximo da imaginação  
É ter que esconder a própria identidade  
Como se identidade garantisse alguma coisa  
Na sobrevivência natural do homem  
É saber que tudo poderia e deveria estar melhor  
É ter que participar desse mundo tão pequeno  
E sentir-se intolerável diante da mediocridade  
E ter que exigir das pessoas aquilo que elas têm  
E não sabem colocar para fora  
É ter que parar e não viver  
Para dar oportunidade aos outros  
É dar a mão no lugar da idéia da imaginação  
É estar sozinho no meio de tanta gente.

*1987 – Poetas Brasileiros de Hoje, Rio de Janeiro*

ù

Vê! É meu sangue que brota  
Das veias revoltadas  
E da boca calada  
Surge um grito que lota  
Paz no meu abrigo  
O branco se transforma  
Amor tem outra forma  
Mas tem a ver comigo  
Sou eu quem voa  
De porto em porto  
Sou eu quem desenha  
Em teu corpo  
O resto de mim  
Sou o que vibra  
E ponho vida  
Nesta tua saída  
Sem adeus e sem fim

*1987 – Nova Poesia Brasileira, Rio de Janeiro*

ù

Os poemas são fochos de luz  
Que reacendem no canto mais escuro  
Dos homens...

ù

O poeta sangra o desejo da alma  
E faz nascer das palavras  
O encanto eterno  
Nas imagens que lê...

ù

A poesia ultrapassa  
A áurea da realidade  
Explorando o estado  
De alerta da consciência  
Brejeira elevando a  
Espiritualidade além  
Da lucidez de um  
Corpo errante  
Aflorando o novo  
Da magia da criação.

ù

Ser poeta é resistir  
E espalhar sementes na terra...  
Adubar a trilha dos poemas  
Que na inocência germinará  
A voz abafada que ainda resta  
No silêncio de tantos...

ù

Ter o pensamento  
Questionado por cabeças de ferro  
Ter a sensibilidade  
Entendida por coração mecânico  
Ter o futuro traçado  
Por dedos sangrando metal  
Ter o caminho indicado  
Por uma tela de computador  
Ter o discurso comparado  
Ao redondo de um botão  
Significa sepultar  
O ânimo e realizações  
Nos calabouços escuros  
Da desesperança sufocante  
Que não me abandona  
Siga... "Você é um herói"  
Alguém no silêncio do corredor  
Retrucou muito baixo  
Tão baixo que se ouviu em todos os cantos  
Eu não chorei de vergonha  
Não de chorar nem de ser  
Mas de ser o que pensam  
E seguir tropeçando nas bagagens  
Vazias das estradas mal percorridas  
Para fingir para mim mesmo  
Que estou subindo lentamente...  
Os degraus da escada rolante  
Que simplesmente enrolou  
Meus sonhos entre enferrujadas  
Engrenagens que o futuro  
Do presente ironicamente parou  
E lá estava eu por acaso  
Como se voltasse ao lugar

Onde nada começou

*Meu último pensamento da década de 90*

ù

A criança é a esperança,  
Porque ela, com sua alma  
Pura e inocente, renova  
Constantemente o dia e a noite  
Criando novos alentos  
Para a vida e para o mundo.  
Se assim não fosse,  
Pouco haveria  
De verdadeiro, suave e belo...

ù

**Poemas editados no Jornal Renovação Nacional do Rio de Janeiro na  
década de setenta.**

*Marcondes Tavares, pela repressão da época, editava com um segundo nome (Márcio Marcondes). O jornal tinha forte apoio do imortal brasileiro Plínio Salgado.*

Sou o consolo de quem vive no desespero  
Sou o sol que aquece o mundo inteiro  
Sou o sorriso de quem não tem motivos pra sorrir  
Sou a volta de quem se arrepende de partir  
Sou a paz de quem vive na guerra  
Sou a solução, sou o universo, o céu e a terra  
Tudo isso eu sonhei, não sou nada, acordei  
Acordei pra perguntar:  
Quem é você pra isolar caminhos?  
Este chão não é seu!  
Quem é você pra individualizar  
Os seres, se todos são filhos de Deus?  
Quem é você que critica tudo que vê  
Sem perceber o belo que existe em cada ser?  
Quem é você, que não entende  
O que a vida nos pode dar  
Tirar e devolver?  
Quem é você, que não sabe e nada faz  
Para saber da realidade e da vida?  
Quem é você, que pelo grande fato de ser homem  
Acha que a sua missão já está cumprida?  
Quem sou eu, quem é você, quem somos nós?

Quero perceber, no emudecer de sua voz  
A concordância do meu modo de sonhar.

ù

Agora  
Que entreguei  
O meu corpo  
Como se fosse  
Um porto  
De barcos que vão e vêm  
Agora  
Que os meus beijos  
Matam outros desejos  
De lábios  
Que não conheço bem  
Você quer voltar  
Agora  
Que meus ouvidos  
Escutam  
Outros pedidos  
De alguém  
Que às vezes  
Não conheço  
Agora  
Que em minha alma  
Não existe  
Mais calma  
E mais e mais desmereço  
Você quer voltar  
Não, não devemos mais  
Recomeçar no amor  
O que existiu  
Ficou no tempo  
E o tempo matou.

ù

Inerte em minha sorte derradeira  
No alvo da minha infelicidade  
Verte a morte companheira  
No dia-a-dia da minha saudade  
Saudade de um passado presente  
Que me apavora e me alucina  
Que ativa repentinamente

Os mistérios que envolvem minha sina  
E agora, com o corpo aberto  
Enfrentarei esse mundo incerto  
Que faz do meu ser lama  
Que outrora matou o realismo  
Embora mergulhado neste abismo  
Mantendo acesa, em meu peito  
Esta chama...

ù

Pensei em escrever o belo  
E saí à rua  
Mas para minha maior surpresa  
De amor e de beleza  
A cidade estava nua  
Pessoas aflitas  
Buscando em cada olhar  
Uma solução  
Mulheres fracassadas,  
Mendigos e peregrinos  
Crianças abandonadas, pelas ruas sem desistir  
Implorando um lugar neste chão  
Gente mascarada  
Sem ser carnaval  
Poucos pensando no bem  
Muitos no mal  
No sentido de esquecimento  
Ao ser humano  
Tecnologia - problemas incríveis solucionados  
E esse tal de "amor"  
Não passa de documentos arquivados  
Nos arquivos mentais  
De certos homens  
De mente de pano

ù

A Cruzada veio para trazer  
Ao povo uma forma, uma expressão  
Uma lembrança, uma organização  
No Movimento, cívico-cultural, e crescer.

E se expandir por toda a parte,  
Abrir caminhos com sua doutrinação,  
Mostrar sua extrema opinião,

**Das simples, até as mais complicadas, artes.**

**A Cruzada volta-se para o futuro da Nação  
Unificando, dia a dia, nossos irmãos  
De todas as classes sociais, e intelectuais.**

**Dando-nos uma forma de integrarmos e aprender  
E amanhã de mãos dadas iremos agradecer  
A Cruzada da Renovação Nacional.**

ù

**Queres que eu sobreviva  
Do teu nada  
E agora solidão  
Mergulhaste-me no teu oceano  
Confusões mil  
Em minha estrada  
Não sei se sigo  
Ou se paro  
Para provar o teu engano  
Porém quase saciada  
A vontade de viver  
Paro e penso no meu depois  
Preciso destruir este elo  
Entre nós dois  
E buscar amor, amar  
E fazer gente do meu ser  
Solidão, você me devora  
Mas sem culpa  
Eu te busquei  
Não quero desculpa  
Quero apenas deixar livre  
O teu caminho  
E seguir o meu, embora  
Flores mortas  
Enfeitam, mas mostra qual porta  
Devo abrir, e encerrar  
Este Meu Sozinho**

ù